

O alienista





MACHADO DE ASSIS

O alienista

TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a edição crítica
do Instituto Nacional do Livro.

Apresentação de

José Carlos Garbuglio

Sumário

Entre a loucura e a ciência 7

I De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates 13

II Torrentes de loucos 16

III Deus sabe o que faz 19

IV Uma teoria nova 21

V O terror 24

VI A rebelião 33

VII O inesperado 37

VIII As angústias do boticário 40

IX Dois lindos casos 41

X A restauração 43

XI O assombro de Itaguaí 46

XII O final do § 4º 47

XIII *Plus ultra!* 52

Vida & obra 57

Resumo biográfico 83

Obras do autor 85

Obra da capa 87

ENTRE A LOUCURA E A CIÊNCIA

José Carlos Garbuglio

Professor aposentado de literatura brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

O *alienista*, publicado entre outubro de 1881 e março de 1882, faz parte, desde 1882, do volume *Papéis avulsos*. É dos mais bem realizados dos seus contos pela justeza com que funde tema e linguagem, fazendo que esta retrate com clareza o mundo perturbado de Itaguaí. O problema da loucura, centro temático do conto, foi preocupação constante de Machado de Assis. Basta lembrar *Quincas Borba* (1891) e *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), cujas personagens se desviam dum padrão de conduta tido como índice de normalidade da criatura humana. N'O *alienista* é exatamente a procura dessa norma que constitui o objetivo da personagem central, devorada pelas discutíveis verdades de sua ciência, palavra mágica que causa temor e admiração. Através dum processo em que interferem ironia e sátira, Simão Bacamarte assume as funções que estão na ideia de Ciência, o que permite ao autor pôr a descoberto os dois lados do problema: 1) a visão popular e seus preconceitos em face da Ciência, misto de respeito e medo do homem recolhido aos estudos e fechado em si; 2) a deformação desse homem que toma como verdade os pressupostos da Ciência e comete em seu nome equívocos sucessivos, sem dar pelo absurdo de suas pretensões.

Antes de ir mais adiante, é preciso dizer que esta introdução supõe a leitura do conto, pois revela uma posição entre outras, dentro de uma perspectiva que suponho válida. Mais importante que o problema da loucura, que existe em doses diferentes em todos nós, é a visão do autor sobre a feição assumida pela Ciência e o modo como construiu essa visão.

Convertendo Itaguaí em campo de experimentação, a partir de um flexível conceito de loucura, Simão Bacamarte leva pânico à pequena população, que vê atônita as intenações em sua casa de Orates, transformada em laboratório de provas. Confundindo-se com a Ciência, o *alienista* recebe ataques ou elogios sempre indiretos e por meio de instrumento destituído de eficiência: chavões de uma oratória oca. Quer dizer, através de componentes

que refletem uma posição superficial de comportamento, sem profundidade ou serenidade que demonstre tratamento adequado e eficiente. São resoluções de momento, não atos amadurecidos. Neste sentido, a imagem dos que elogiam ou atacam Simão Bacamarte é elaborada por meio de expressões desgastadas e já sem significado. Isto é, de frases vazias. É o caso do Martim Brito nos seus arroubos oratórios ao elogiar a mulher do alienista, do Crispim Soares, que só faz adjetivar as falas de Simão Bacamarte, revelando traços que antecipam o personagem José Dias de *Dom Casmurro*.

Fenômeno semelhante ocorre quando se procura criar uma oposição à atividade de Simão Bacamarte. O estímulo que desencadeia a ação procede de expressões igualmente esvaziadas de significação, como “cárcere privado”, “Bastilha da razão humana”, “turbilhão de átomos dispersos”, que patenteiam um gosto retórico maior que qualquer intenção de significar alguma coisa. Importa-lhes antes o efeito do momento. Assim, a expressão surge como prolongamento da qualidade e comportamento das pessoas que as proferem. Sendo superficiais, agem superficialmente, incapazes que são de perceber a falta de conteúdo nas palavras e nos atos.

Está visto, por outro lado, que a atitude de ironia que reveste a frase volta-se contra o comportamento dos tipos humanos que as esposam, definindo-os como se definem as falas: vazios e superficiais. Mas é possível ir além. Se a frase feita tem certo poder mágico que logra contaminar momentaneamente as pessoas, é também o instrumento de ataque, utilizado por Machado de Assis, contra os vezos da época e do brasileiro, amante da retórica balofa e inchada, ainda hoje estimada de muitos.

Essa capacidade de perceber certas peculiaridades do homem, aliada à consciência de que a palavra que as expressa é veículo de várias faces, mostra em Machado de Assis uma clara atitude crítica diante da linguagem. Por isso soube, como ninguém, no Brasil do século XIX, valorizar a palavra, despojando-a de acessórios, para adequá-la às necessidades de sua expressão de arte, capaz de resistir ao tempo e de se impor como modelo.

Em Machado de Assis não há excessos, pois cada elemento linguístico tem uma função a desempenhar. O universo de *O alienista*, por exemplo, está dividido em duas porções distintas. De um lado temos o povo que apresenta as características apontadas acima. São representantes típicos dessa feição o Crispim, o Freitas, o Brito, o presidente da Câmara, o albardeiro e principalmente o barbeiro Porfírio, cujo apelido dá nome à revolta contra o alienista: Canjica. Na verdade, os rebelados chamam-se canjicas porque são fáceis de conduzir e de dominar, de impulsionar e reter. Razão por que vejo estreita relação entre a palavra e seus designados, entre o que está nela

e o que ela traduz. Mais ainda pelo caráter vulgar da rebelião, chefiada por um barbeiro, impelido por momentânea ambição de poder, sem qualquer qualificativo que lhe desse condição de mando.

Por outro lado, contrapondo-se a essa camada, está o alienista “impasível como um deus de pedra”, querendo encontrar e demarcar a zona limítrofe da razão humana. Encarnando a Ciência, Simão Bacamarte se converte em entidade distante, fria e intocável e se coloca acima do bem e do mal. Guardando consigo os segredos apenas revelados aos iniciados, assume feição mágica e se torna elemento sagrado, como repositório ou “templo” do saber científico. Há, é verdade, uma pesada dose de ironia e sátira em tudo isso, com relação a uns e outros, mas o importante a se considerar aqui está na mudança de linguagem com que o autor trata e movimenta suas personagens.

Enquanto procura caracterizar os tipos comuns do povo, Machado de Assis usa lugares-comuns, inchados pela retórica banal, onde se manifesta a falta de espírito crítico. As pessoas se satisfazem com a frase de efeito epidérmico, na qual fica clara a ruptura significado/significante, uma vez que as frases aparecem como elementos independentes, sem relação com o contexto. Têm sua vida na carga sonoro-sensorial que é antes perda de valor que acréscimo expressivo, porque frases desgastadas pelo uso inconsequente. Na caracterização de Simão Bacamarte, a linguagem perde o empolado para reduzir-se ao mínimo. Predominam agora signos extraídos dos componentes da natureza — pedra, metal, ferro —, geradores do comportamento de frieza do alienista-cientista. Assim, evita as expansões sentimentais que inexistem na personagem (vejam as razões, puramente biológicas, que determinam a escolha de sua mulher, D. Evarista). A personagem é isolada pela linguagem num universo que se dobra sobre si mesmo, fechando o círculo onde se guardam os segredos do saber, da Ciência, cujo acesso só se permite aos iniciados. Como Simão Bacamarte é o único iniciado, apenas ele mantém os segredos da Ciência, não os revelando nunca. Quer dizer, não se transformam jamais em palavra, graças ao que consegue guardar seu “fetichismo”. Isto significa que o próprio Simão Bacamarte aparece como símbolo de um “saber” duvidoso, pois não se revela, senão no estado de pânico em que põe o universo, quando ele procura determinar uma norma geral de conduta para o comportamento humano, igualando, rasteiramente, todos os indivíduos.

Ora, Simão Bacamarte e Ciência se identificam no conto, de modo que seu procedimento, guiado pelos pressupostos de uma ciência que se arroga o arbítrio de classificar a razão humana, é a própria cegueira da Ciência

em face do homem. O que se condena, então, é o comportamento desta quando se erige em verdade absoluta e passa a cometer, em seu nome, distorções inaceitáveis. Deste modo, a ironia com que Machado de Assis trata Simão Bacamarte é a ironia com que o autor vê uma ciência que, mal assentada, transforma seus adeptos em cegos aplicadores dos princípios que a enformam. Para colocar o problema em termos atuais, basta ver o que ocorre com certos defensores e aplicadores, mal-informados e mal-formados, da psicanálise, transformada em “abre-te Sésamo” de todos os problemas humanos.

A grandeza do conto está na alta capacidade de Machado de Assis em adequar ao seu estilo as duas parcelas humanas que o compõem. De um lado uma linguagem que se fecha em si para traduzir o mundo fechado do alienista, do outro o aproveitamento dos chavões populares semicultos para expressar o universo de relações superficiais dessa gente. Foi a intuição desse problema que conduziu Machado à valorização da linguagem, transformando-o, pois, num extraordinário escritor capaz de resistir às modas e ao tempo e de se impor mesmo fora dos quadros da literatura brasileira.



O alienista



De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates¹

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno², e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

1 **casa de Orates:** o adjetivo *orate* significa louco, amalucado. Portanto, a expressão “casa de Orates” tem o mesmo sentido de hospício, casa de loucos. (N.E.)

2 **caçador de pacas perante o Eterno:** o termo *paca*, quando utilizado como qualificativo, tem o sentido de tolo, bobo. Dessa forma, o tio de Simão possui a capacidade de identificar os tolos de modo permanente e sistemático. (N.E.)